

AMÉRICO ÁLVARO DOS SANTOS: UM MECENAS NEGRO, UMA BIOGRAFIA

Girlene Verly Ferreira de Carvalho REZENDE
Orientador: Alberto Ferreira da Rocha Júnior

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)
gibverly@yahoo.com.br

Resumo:

Este trabalho, parte da pesquisa de uma dissertação de mestrado, concluída em 2011, construiu um perfil biográfico de Américo dos Santos, considerado um mecenas negro no teatro amador de São João del-Rei, no início do século XX, em razão de ter presidido e patrocinado um grupo teatral e, após seu falecimento, ter sido nomeado patrono de uma nova agremiação. A maior parte dos dados utilizados na pesquisa, se encontram em um acervo que pertenceu ao referido grupo amador, na universidade Federal de São João del-Rei. Também foram utilizadas fontes de outros acervos e realizadas entrevistas com familiares e personalidades são-joanenses. Foi fundamental a leitura de *O pacto autobiográfico* de Philippe Lejeune, *O espaço biográfico* de Leonor Arfuch e *Tempo vivo da memória*, de Ecléa Bosi. Mas o fato de Américo dos Santos ter sido negro, no fez pensar sobre a presença do afrodescendente no teatro da época e, para esta reflexão, utilizamos o pensamento de Stuart Hall, a partir da perspectiva dos estudos culturais. Consideramos este trabalho relevante por construir um perfil biográfico inédito, devido à escassez de destaque para personalidades negras, da época, sobretudo no teatro.

Palavras-chave: Américo dos Santos; biografia; teatro e memória.

1) Introdução

O atual trabalho faz parte da pesquisa realizada na dissertação de mestrado apresentada em novembro de 2011, *O mecenas negro: Américo Álvaro dos Santos e a presença do negro no teatro em São João del-Rei, no início do século XX*, que construiu um perfil biográfico dessa personalidade, e ainda analisou a presença do negro no teatro amador de São João del-Rei, no início do século XX, até a data de falecimento de Américo dos Santos, em 1929. Anteriormente, na iniciação científica, realizamos um perfil biográfico de Antônio Guerra, um amador teatral, são-joanense, apaixonado por essa arte e que, além de fundar um clube teatral que atuou de 1905 a 1985, o *Clube Teatral Artur Azevedo* (CTAA), fortaleceu, enormemente, o cenário teatral de São João del-Rei. Uma das heranças de todo esse trabalho foram dois acervos que contém numerosas peças teatrais, obras específicas da área, de assuntos diversos, e treze álbuns de colagens, de capa dura, onde há recortes de jornais da época, fotos, cartazes e toda uma variedade de material sobre teatro.

O sala que comporta o acervo, chamada Antônio Manoel de Souza Guerra, está localizada no Campus Dom Bosco da Universidade Federal de São João del-Rei e foi a partir das visitas a esse espaço que este objeto de pesquisa se revelou, ao percebermos a importância atribuída por Guerra e pela imprensa da época a um colaborador do CTAA, conhecido como Major Américo dos Santos. A principal motivação para a escolha deste, como figura central a ser analisada e biografada, foi a homenagem póstuma por ele recebida em 1930, menos de um ano após sua morte, de seus companheiros do clube, ao ser nomeado patrono de um novo grupo: o *Grêmio Teatral Américo dos Santos*. Lembrando que o Major, além de presença constante nos eventos promovidos pelos amadores, sobretudo como orador, foi vice-presidente e presidente do CTAA e patrocinador oficial de uma das maiores turnês realizadas pelo grupo, na região. E foi essa descoberta que nos motivou a realizar tal pesquisa e a considerar Américo dos Santos um mecenas.

Mas o fato de ele ter sido negro também foi um impulso. Sabemos que uma pessoa de sua origem étnica, nas primeiras décadas do século XX, de um modo geral não possuía uma posição social e, sobretudo econômica, satisfatória. Muitos ainda viviam os resquícios recentes da escravidão. Diante dessa evidência, buscamos saber como era a participação do negro no contexto teatral de São João del-Rei, enquanto uníamos retratos, suposições e referências a Américo dos Santos, a fim de delinear um perfil, em vários sentidos, inédito.

Ao abordar a temática do negro, no entanto, tivemos que refletir sobre algumas questões, a fim de prosseguirmos na execução do projeto. Por isso, quando nos referimos ao negro, neste trabalho, falamos sob a perspectiva dos estudos culturais, a partir de Stuart Hall. O teórico aborda a presença do negro inserido no grupo das minorias, uma vez que este foi, durante muito tempo, silenciado e desprezado. Segundo Hall, há alguns fatores que favoreceram uma transformação significativa no modo de se ver e ser visto, da população negra. Um deles foi o processo de descolonização e o deslocamento do centro de produção e circulação cultural, outrora fixado na Europa.

Nesse sentido, sabemos que também no Brasil os negros fizeram parte, por muito tempo, do grupo das minorias. As diferenças de gênero e etnia, portanto, ao lado de aspectos sociais e culturais, teriam sido norteadores ou determinantes para a eleição de uma cultura hegemônica que desconsiderou e desqualificou quaisquer manifestações culturais que não pertencessem ao grupo dominante. E este foi o caso do negro africano que veio para o Brasil, durante séculos. Só com o dismantelamento dessa situação de abuso de poder de um grupo, no caso, branco, de origem europeia, é que a situação começou a sofrer modificações que,

ainda hoje, mostram-se necessárias, no sentido de que ao povo pobre, e principalmente negro, as condições e melhores oportunidades de vida, normalmente se apresentam escassas.

A outra perspectiva a que nos prendemos, na dissertação, tem a ver com a representação do negro no teatro, justamente por sua pouca participação nessa área, e pela forma com que os personagens negros foram estereotipados ao longo do tempo. Sob esse aspecto foi imprescindível a leitura de *Estereótipos de negros na literatura brasileira*, de Roger Bastide, *A cena em sombras*, de Leda Maria Martins, esclarecedora sobre a constituição do teatro negro e, *A personagem negra no teatro brasileiro* e *O negro e o teatro brasileiro*, ambas de Miriam Garcia Mendes, que fazem uma espécie de histórico sobre os autores e peças brasileiras, onde há a participação do negro, dentro do período de 1838 a 1988.

Mas para este trabalho, especificamente, as principais fontes utilizadas foram o livro escrito por Antônio Guerra, *Pequena história de teatro, circo, música e variedade em São João del-Rei, de 1717 a 1967* e quatro dos 13 álbuns a que já nos referimos. Utilizamos obras sobre teoria e crítica biográfica como *O pacto autobiográfico* (2008), de Philippe Lejeune, *O espaço biográfico* (2010), de Leonor Arfuch e o texto *A ilusão biográfica* (1998) de Pierre Bourdieu. E recorreremos, ainda, a documentos do arquivo do 11º Batalhão de São João del-Rei.

2) Abordagem teórica

Ao se refletir sobre o biográfico, inevitavelmente o relacionamos a uma tendência crescente desse tipo de escrita, que vem se expandindo em quantidade e diversidade, no sentido de que, aparentemente, vão se multiplicando as formas de relato de vida e escritas de si. Américo Álvaro dos Santos, hoje falecido, é quase um anônimo, que não se enquadra no plano das celebridades, apesar de, em sua época, ter se constituído uma, diferentemente da ideia que se tem hoje a respeito delas. Não trataremos, portanto, de um homem famoso no foco dos holofotes, como Philippe Lejeune afirma terem sido durante algum tempo as personalidades escolhidas para serem biografadas, e também não temos a pretensão de escrever sobre sua vida “tal como ela foi”, por sabermos de sua impossibilidade (LEJEUNE, 2008, p. 38).

Concordamos com Pierre Bourdieu quando este diz que escrever uma vida, *produzir uma história de vida* é, de certa maneira, uma *ilusão retórica* (BOURDIEU, 1998, p.185), e, ainda que seja, nos propomos a revelar um perfil possível de Américo dos Santos, dentre os muitos Américos que ele, certamente foi. Um sujeito que suscita uma série de perguntas,

sobre o qual pouco sabemos, que traçou uma trajetória de vida inovadora, destacando-se e demonstrando identidades incomuns para sua época. Abordaremos aspectos da vida de um baiano, em idade adulta, que se muda para São João del-Rei, cidade que o acolhe e pela qual parece se apaixonar.

A intenção é compreender quem foi Américo dos Santos a partir de informações obtidas em várias fontes, que nos apresentam dados factuais e cronológicos e em matérias da imprensa local, que tratam dele de maneira mais subjetiva. Se há alguma informação sobre nosso biografado, relacionada à sua identidade, que podemos afirmar, é que possuía uma certidão de nascimento em que constava seu nome de batismo, um nome próprio, elemento constante e indubitável (BOURDIEU, 1998, p. 189).

Baseando-se em Bakhtin, Leonor Arfuch acredita que o enfoque biográfico reúne elementos marcados por uma heterogeneidade constitutiva, assim como pelo *dialogismo*, num constante hibridismo social (ARFUCH, 2010, p. 29). Isso significa que não somos homogêneos e que o que nos constitui está diretamente relacionado ao meio em que vivemos, às pessoas com as quais convivemos. Nossas ações são fruto dessas inter-relações:

sabemos que não há possibilidade de subjetividade sem intersubjetividade, conseqüentemente, toda biografia ou relato da experiência é, num ponto coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. É essa a qualidade coletiva, como marca impressa na singularidade, que torna relevantes as histórias de vida, tanto nas formas literárias tradicionais quanto nas midiáticas e nas das ciências sociais (ARFUCH, 2010, p. 100).

Diante da existência de poucos dados sobre uma pessoa em determinada época, mas que, de algum modo marcou seu tempo e as áreas em que atuou, buscamos o olhar do presente sobre esse passado por meio de pessoas que tivessem lembranças a esse respeito ou que pudessem acrescentar informações sobre o referido contexto.

Leonor Arfuch discute, ainda, que há diversas maneiras de se conceber uma biografia e revela que, em meio a tantas possibilidades, a entrevista tem sido, contemporaneamente, uma das mais utilizadas. Segundo a autora, mesmo que desde o século XVIII tenham surgido obras de cunho (auto)biográfico, a partir da consolidação do capitalismo, o interesse por esse tipo de escrita tornou-se mais comum, sobretudo a partir das últimas décadas do século XX, com as crescentes reflexões a respeito do fim da modernidade, assim como sobre a fragmentação de um eixo norteador do eu do sujeito. Nesse contexto, as subjetividades foram afloradas e uma série de tentativas foi realizada, em busca da aproximação e compreensão desse eu, multiplicando-se os gêneros biográficos, tanto no âmbito da literatura, como no da mídia e da arte (ARFUCH, 2010, p. 17).

3) Discussão

Justificada a necessidade de utilizarmos a entrevista, buscamos entrevistar pessoas que atuassem em movimentos negros ou no teatro da cidade, a fim de obtermos dados que revelassem a participação negra no teatro são-joanense e se havia alguma lembrança de Américo dos Santos nesse meio. Também buscamos contato com seus familiares e, com muita dificuldade, descobrimos a existência de muitos netos vivos, todos residentes fora de São João del-Rei.

Do primeiro grupo entrevistado, coincidentemente, os três são negros, moram no mesmo bairro da cidade e são os integrantes mais antigos da Associação do Congado do bairro de São Geraldo e do Grupo de inculturação afro-brasileiro *Raízes da Terra*. Os entrevistados a que nos referimos são o Sr. Nivaldo Neves, D. Efigênia Vicentina Neves e D. Vicentina Neves Teixeira.

Eles disseram que, até se tornarem adultos e começarem a trabalhar, o centro da cidade era desconhecido e não parecia lugar para eles. O mundo dessas pessoas era resumido nos acontecimentos do bairro, tanto que todos se lembram das brincadeiras de rua, em frente a suas casas, com a presença constante da família ou de algum membro dela. Afirmaram que pouco lhes era permitido e, por isso, os negros, de um modo geral, eram mais retraídos, quietos e pouco ousados, afirmação também presente em depoimento de Abdias Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro (TEN) em sua biografia, escrita por Sandra Almada:

porque ele era muito cabisbaixo, muito obediente, muito tranquilo demais. Agora não. Ele já grita. Levanta o punho, está destravando a língua, e isso por todo o lado (ALMADA, 2009, p. 181).

Algumas das conclusões a que chegamos, a partir desses depoimentos, é que o negro não teve oportunidade de se aproximar do teatro convencional e, mesmo quando esta surgia, faltava-lhe coragem para adentrar num meio que, além de expô-lo, até então era visto como espaço do branco. Mas o fato é que havia outras maneiras e tipos de manifestação que permitiam ao negro representar e encenar, como é o caso do congado. Participando apenas como membros da diretoria da associação, sem se envolver com o ritual, nossos entrevistados afirmaram que o congado e o teatro não têm nada em comum. Essa questão, já levantada por outros pesquisadores, leva-nos a refletir sobre várias questões. A estudiosa Leda Maria Martins, em sua obra já citada, discute este assunto e afirma haver, efetivamente, uma relação. Fica aqui a dica para nos aproximarmos também dos integrantes que praticam o congado, para ouvirmos um outro ponto de vista.

Uma vez que os organizadores das festas do congado entrevistados não tinham muito contato com o centro da cidade e, principalmente com o teatro, faz sentido que tenham desenvolvido uma visão um pouco diferente daqueles que estão mais próximos dessa prática. E, para concluir, de acordo com o já haviam dito, não foi surpresa quando disseram que nunca haviam ouvido falar de Américo dos Santos, mesmo tendo sido o único afrodescendente, habitante de São João del-Rei, do período, a se envolver com o teatro convencional, apoiando-o, e que foi homenageado como patrono de um grupo teatral.

O outro grupo de entrevistados, os netos de Américo dos Santos, foi unânime em declarar um grande desconhecimento sobre o avô. Eles nada sabem de sua infância, nem mesmo da época em que morou em São João del-Rei. E isso se deve a vários fatores, como o fato de não terem conhecido o avô, por este ter morrido relativamente novo, aos 54 anos, e de terem se distanciado uns dos outros, assim como da cidade natal dos pais.

Por essa razão, foi elaborado um roteiro de entrevista para ser realizada com eles. Entrando em contato com quase todos¹, por telefone, a entrevista foi enviada por *e-mail*, o que resultou em algumas questões respondidas. O curioso em relação ao primeiro contato com cada um deles é que jamais souberam do envolvimento do avô com o teatro e com agremiações artísticas, o que inclui ignorarem o fato de ter sido homenageado como patrono de um grupo teatral. O que sabem a respeito do avô se restringe ao fato de ele ter sido militar, carreira seguida por seu único filho homem e por todos os quatro netos. Até a foto que possuímos dele, parece ser a mesma a que tiveram acesso um dia, de acordo com a descrição deles.

Diante da impossibilidade de ouvir depoimentos detalhados e ricos de informações sobre Américo dos Santos, nos debruçamos sobre os registros disponíveis sobre ele. Começamos pelo livro de Antônio Guerra, *Pequena história de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei, de 1717 a 1967* que, por tratar de mais de 250 anos de história cultural de São João del-Rei, no que se refere à música, ao circo e especialmente ao teatro, também nos conta quando e quem foram os principais atores envolvidos nela e por ela. Este livro também é importante por ter sido a primeira fonte a nos revelar que Américo dos Santos havia alcançado um destaque singular nessa história.

Nessa fonte, Américo dos Santos aparece, pela primeira vez, em 1915, quando surge como vice-presidente do *Grupo Dramático 15 de Novembro*, ocasião de mudança dos

¹ Não entramos em contato com todos os netos porque não conseguimos os telefones de contato, devido a mudanças recentes de número e endereço.

integrantes da diretoria e de nome, passando a se chamar *Clube Dramático Artur Azevedo*, em 28 de agosto de 1915². O trecho do livro que fala desse acontecimento é o que se segue:

a primeira diretoria foi confiada a **elementos destacados da sociedade são-joanense**³ e ficou assim constituída: Presidente: Capitão José Pimentel – Vice-presidente, Tenente Américo Álvaro dos Santos... (GUERRA, s. d., p. 132).

Ainda no livro, a última referência a seu nome é relativa ao seu falecimento, sendo que, após esta data, continuam as referências sobre a fundação do *Grêmio Américo dos Santos*, o que nos leva a crer que, provavelmente, todas as peças representadas pelo grupo foram noticiadas no livro de Guerra. A última referência que aparece, é a de uma apresentação de *Os Milagres de Santo Antônio*, em 1935, o que atribui ao grupo uma existência de seis anos de vida.

Dentre os treze álbuns de Guerra, quatro possuem referências a Américo, por terem sido organizados de forma cronológica. Em muitos, há recortes de notícias de jornais da época que se referem à participação de Américo nas atividades dos grupos teatrais. E é na última página do álbum treze que encontramos valiosas informações sobre ele, por ocasião de seu falecimento. Há, colado nessa folha, um exemplar do jornal *A Ribalta*, órgão oficial do *Clube Teatral Artur Azevedo*, de 12 de novembro de 1929, onde se fala sobre sua vida e morte, em 24 de agosto de 1929, um longo texto de duas páginas. Aqui estão reproduzidos alguns trechos mais significativos deste texto:

Américo Álvaro dos Santos nasceu a 1º de fevereiro de 1875 em Maragogipe, estado da Bahia. Era filho de Dr. Possidonio Vieira dos Santos (falecido) e Amélia Blandina dos Santos. Assentou praça voluntariamente a 3 de setembro de 1890 para servir o 16 Batalhão de Infantaria, como cadete. Em 1924 tomou parte, defendendo a legalidade, nas rebeliões de São Paulo e Mato Grosso e, finalmente em 1925, reformou-se como major. Em 1896, sendo o 16 Batalhão de Infantaria transferido para São João del-Rei, para aqui veio, casando-se no ano seguinte, a 16 de janeiro com a nossa distinta patricia, Maria Herculana das Neves. O major deixa viúva a Sr. D. Maria Herculana dos Santos e os seguintes filhos: Cecy, Arthur e Olga (GUERRA, s.d., v.13, p. 128-129).

Outra fonte importante foram os documentos presentes no arquivo do 11º Batalhão (11ºBIMth), antigo 51º de Caçadores de São João del-Rei. No intuito de demonstrar um pouco sobre a atuação de Américo dos Santos no exército, reproduzimos um trecho que o descreve, por meio de sua atuação profissional. Este documento (chamado “alteração”) é o que trata do afastamento de Américo de suas funções enquanto militar, quando é reformado:

nessa mesma data o Sr. Major José Bento Thomaz Gonçalves, assim se expressou: ao desligar o Sr. Capitão⁴ Américo Álvaro dos Santos este **velho e leal camarada**,

² O grupo só passou a se chamar *Clube Teatral Artur Azevedo* em 1928.

³ Os negritos são nossos, a fim de evidenciar as partes que consideramos mais importantes para a análise.

que serve neste Corpo desde a sua fundação, tendo pertencido aos extintos 28º Batalhão de Infantaria e 51º de Caçadores, cumpro o grato dever de elogiá-lo pela sua **solicitude, prontidão no serviço, competência profissional e valor militar**, de que mais de uma vez **deu exuberantes provas**, quer na vida pacífica da caserna, no que concerne a instrução dos seus comandados, quer nos tempos anormais, nos campos de luta, nas revoltas... onde sempre se revelou um **oficial digno, enérgico e cumpridor de seus nobres e árduos deveres**. Este Regimento lamenta profundamente o afastamento de tão distinto camarada, que, quer no meio civil quer no meio militar, sempre **soube captar as maiores simpatias e estima de todos** os que com ele privaram, devido aos seus **excelentes dotes de soldado e de cidadão aliados a um caráter sólido, uma energia férrea e um coração boníssimo**⁵.

4) Considerações finais

Uma constatação a que chegamos foi a de que mesmo que a princípio, haja poucos registros sobre uma pessoa, é possível realizar um trabalho de crítica biográfica, analisando-se, atentamente, cada fragmento existente. A partir da busca de dados factuais a respeito de uma pessoa, uma infinidade de informações surge e forma-se uma rede de significados que suscitam a reflexões várias, como históricas, políticas e culturais.

A partir das leituras de Lejeune, Bourdieu e Arfuch, e obras de caráter biográfico, como *D. Obá II D'África, o príncipe do povo* de Eduardo Silva, também nos atentamos para a importância de se pensar sobre o como, o porquê e o quando fazer uma biografia. Sabemos que há várias possibilidades de gênero que permitem essa escrita, o que inclui a forma de um trabalho acadêmico, por exemplo.

Para nós foi importante pensar também sobre questões relativas à memória. Foi uma grande surpresa e ao mesmo tempo, uma decepção, quando descobrimos que nenhum dos netos de Américo sabia algo novo ou relevante sobre o avô, apesar do laço familiar. E, igualmente interessante, foi saber que entre os integrantes do *Raízes da Terra*, nenhum jamais havia ouvido o nome de Américo dos Santos, apesar de terem morado na mesma cidade, terem a afinidade de participar de grupos culturais da cidade, e serem da mesma origem étnica.

Uma reflexão que consideramos importante se refere às fontes utilizadas. Se por um lado, aparentemente encontramos muitas fontes diferentes (livros, jornais impressos e virtuais, antigos e atuais, blogs, depoimentos de familiares, amigos e documentos oficiais), por outro, quase todas dizem respeito ao mesmo Américo dos Santos, com pouquíssimas variações de julgamento de valor acerca de sua personalidade. Porém, mesmo diante desse fato,

⁴ É importante ressaltar que há algumas divergências em relação às patentes de Américo dos Santos, que possuem a seguinte explicação: quando ele foi reformado, era capitão, mas após seu afastamento, provavelmente recebeu uma homenagem em forma de aumento de patente, passando para major. Este era um costume comum entre os militares e justifica o fato de ele ter ficado conhecido como Major Américo, como se encontra em vários artigos da época.

⁵ Grifos nossos.

percebemos que, a simples existência dessas variadas fontes, reconhecidos os seus valores contextuais e autorais, podem nos dizer muito, contribuindo para a realização da escrita crítica biográfica.

O que sentimos, após o “encerramento” de um trabalho dessa natureza é que a pesquisa é, de fato, um fazer arqueológico minucioso, de reconstrução cuidadosa e paciente, em que se possui um objeto de trabalho, um objetivo ou vários, mas que, nem sempre, com o passar do tempo, confirma ou aponta para a direção, anteriormente visada.

A pesquisa biográfica aborda um ser social, e é nesse espaço, do social, que a personalidade de constrói, se molda, refletindo de alguma maneira o meio em que ela vive. A reunião de informações, mesmo que básicas sobre uma pessoa, revelará o quanto representou enquanto ser social, desempenhando uma série de papéis também sociais. No dizer de Bosi, *podemos colher enorme quantidade de informações factuais, mas o que importa é delas fazer emergir uma visão do mundo* (BOSI, 2004, p. 19).

5) Referências

- ALMADA, Sandra. *Abdias Nascimento*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BASTIDE, Roger. Estereótipos de negros na literatura brasileira. In: *Estudos afro-brasileiros*. Introdução. São Paulo: Perspectiva, 1983. p. 113-128.
- BOSI, Ecléa. Sobre a memória. In: *O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p. 13-77.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coords.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191.
- GUERRA, Antônio. *História de teatro, circo, música e variedades em São João del-Rei, de 1717 a 1967*. Juiz de Fora: Esdeva, s. d.
- HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? In: *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p.317-330.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- MARTINS, Leda Maria. *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MENDES, Miriam Garcia. *A personagem negra no teatro brasileiro: entre 1838 a 1888*. São Paulo: Ática, 1982.

MENDES, Miriam Garcia. *O negro e o teatro brasileiro*. (Entre 1889 e 1982). São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Arte e Cultura; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.

SILVA, Eduardo. *D. Obá II D'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Entrevistas:

NEVES, Efigênia Vicentina. Entrevista concedida à Girlene Verly Ferreira de Carvalho Rezende. vídeo, 2011.

NEVES, Nivaldo. Entrevista concedida à Girlene Verly Ferreira de Carvalho Rezende. vídeo, 2011.

TEIXEIRA, Vicentina Neves. Entrevista concedida à Girlene Verly Ferreira de Carvalho Rezende. vídeo, 2011.

Entrevistas por e-mail:

BUCHEMI, Vera. Entrevista concedida à Girlene Verly Ferreira de Carvalho Rezende. E-mail, 2011.

CASTRO, Ana Maria Ventura de. Entrevista concedida à Girlene Verly Ferreira de Carvalho Rezende. E-mail, 2011.

SANTOS, Suely Ventura Bello. Entrevista concedida à Girlene Verly Ferreira de Carvalho Rezende. E-mail, 2011.

VENTURA, Paulo Roberto. Entrevista concedida à Girlene Verly Ferreira de Carvalho Rezende. E-mail, 2011.

Fontes Documentais:

1- Arquivo do 11º BITth, antigo 51º Batalhão de Caçadores de São João del-Rei:

Histórico dos oficiais de 1926 – Alterações do Arquivo do 11º BIMth,

2- Arquivos do Acervo pessoal de Antônio Guerra, presentes na sala Manoel de Souza Guerra:

GUERRA, Antônio. Álbum. São João del-Rei, s. d. , 13v.